

Artigo Original

Karatê-Do como própria vida

Victor Lage
Luiz Gonçalves Junior

NEFEF/DEFMH e PPGE/ SPQMH da UFSCar São Carlos SP Brasil

Resumo: O Karatê chegou ao Brasil através das imigrações japonesas e possui hoje mais de um milhão de praticantes. Porém, são raros os cursos de Educação Física que têm disciplinas a ele relacionadas, resultando no distanciamento do profissional desta área do universo das artes marciais. O objetivo deste estudo foi estabelecer uma perspectiva de compreensão do fenômeno Karatê a partir daqueles que o vivenciam. Pautados pela fenomenologia entrevistamos 10 Senseis do Karatê-Do, com a interrogação: *O que é isto o karatê para o Sensei?* Baseados em suas descrições formamos as categorias: a) *Karatê-Do como Própria Vida* (afirmaram ser o Karatê uma prática intrínseca à vida); b) *Educando e se Educando com o Budô através do Karatê* (explicitaram ser o Budô uma possibilidade de ensinar e aprender para além da luta); c) *De Luta a Caminho* (comentaram que muitos iniciam o Karatê como luta e depois passam a compreendê-lo como caminho de auto-conhecimento). Consideramos que o Karatê-Do, entendido como sabedoria de vida ou modo de viver, embora possua características e similaridades com a filosofia, não possui seu alicerce no pensamento lógico ocidental, ao contrário encontra-se centrado na sabedoria oriental, na qual se privilegia a compreensão e contemplação do mundo através da experiência pessoal cotidiana.

Palavras-chave: Processos Educativos. Karatê-Do. Educação Física. Fenomenologia.

Karatê-Do as your own life

Abstract: Karate came to Brazil through the Japanese immigrations and nowadays containing more than one million of practitioners. However, Physical Education's courses rarely have disciplines linked to fights, resulting in some distance between the professional from this area and the universe of martial arts. The objective of this study was establishing a perspective from comprehension of the phenomenon Karate from who lived it. Based on phenomenology, we interviewed 10 Senseis with the question: *What is karate to Sensei?* From their descriptions we make the following categories: a) *Karate-Do as your own life* (Senseis affirmed to be Karate an intrinsic practice of live); b) *Educating and Self-Educating from Budo through Karate* (they expressed to be Budo a possibility to teach and learn besides the fight); c) *From Fight To Way* (Senseis affirmed that a lot of them began the Karate while a fighting method and later, they started to comprehend it as a way of self-knowledge). We consider that Karatê-Do, understood as wisdom of life or way of living, although it has characteristics and similarities with the philosophy, does not possess its foundation in the logical of occidental's thought, differently finds itself centered in the eastern wisdom that privileges the understanding and contemplation of the world through the daily personal experience.

Key Words: Educating Process. Karate-Do. Physical Education. Phenomenology.

Introdução

Com características genuinamente orientais o Karatê propagou-se por todo o mundo, chegando ao Brasil através das imigrações japonesas, realizadas na primeira metade do século XX, difundindo-se em todos os estados brasileiros e, possuindo hoje no Brasil cerca de 1.400.000¹ (um milhão e quatrocentos mil) praticantes.

No entanto, segundo Gonçalves Junior e Drigo (2001) são raros os cursos de graduação em Educação Física, quer seja de licenciatura, quer seja de bacharelado, que possuam em sua

grade curricular alguma disciplina - obrigatória ou optativa - relacionada às lutas, resultando em certo distanciamento do profissional de Educação Física, Lei nº 9696/98 (BRASIL, 1998) do universo cultural das artes marciais em geral.

A Lei Federal acima citada, no seu Art. 3º, afirma que compete ao profissional de Educação Física:

coordenar, planejar, programar, supervisionar, dinamizar, dirigir, organizar, orientar, ensinar, conduzir, treinar, administrar, implantar, implementar, ministrar, analisar, avaliar e executar atividades, estudos, trabalhos, programas, planos, projetos e pesquisas; executar treinamentos especializados; prestar serviços de auditoria, consultoria e assessoria; participar de equipes

¹ Dados obtidos junto ao site da FEDERAÇÃO PAULISTA DE KARATÊ.
Disponível em: <<http://www.midiamix.com.br/karate/apresent.asp>>. Acesso em: 25 ago. 2005.

multidisciplinares e interdisciplinares; elaborar informes técnicos, científicos e pedagógicos; prestar assistência e educação corporal a indivíduos ou coletividades, em instituições privadas ou públicas; prestar assistência e treinamento especializado; coordenar, organizar, supervisionar, executar e ministrar cursos e atividades de orientação, reciclagem e treinamento profissional nas áreas da atividade física e desportiva (BRASIL, 1998).

Dispõe, portanto, que qualquer atividade física, inclusive o Karatê, seus técnicos, instrutores e preparadores físicos devem ser portadores do diploma de graduação em Educação Física ou comprovarem o exercício da profissão de pelo menos três anos antes da publicação da mesma.

De acordo com Gonçalves Junior e Drigo (2001) essa regulamentação acaba por interferir e gerar conflitos numa área que histórica e culturalmente esteve consideravelmente isolada da Educação Física e seus profissionais, em outras palavras, a Educação Física como área de estudo e profissão pouco se relacionou com o Karatê e as artes marciais em geral até o presente.

Drigo (2002), ao dissertar sobre a questão da regulamentação da profissão Educação Física, Lei 9696/98 (BRASIL, 1998) e implicações com as artes marciais, particularmente no estudo com o judô, afirma que embora seja esta uma modalidade com grande número de adeptos, de sucesso competitivo e relativo nível organizacional, há um considerável isolamento das instituições acadêmicas de Educação Física em relação ao judô e, com as determinações gerais decorrentes da regulamentação desta nova profissão iniciou-se um conflito com os Mestres, em sua maioria não graduados em Educação Física, havendo a necessidade de encontros, discussões e reflexões para o entendimento e construção de uma nova realidade acerca do papel do judô e mesmo da Educação Física neste novo contexto.

Entendemos que o mesmo pode-se dizer do Karatê, podendo este estudo vir a contribuir para a melhora da interação entre os profissionais de Educação Física e Mestres de Karatê, bem como aperfeiçoar os conhecimentos dos processos educativos envolvidos nesta arte marcial de origem oriental e, em certa medida, estranhos a nossa cultura.

O Karatê mais contemporâneo, possuindo suas raízes predominantes na cultura japonesa e sendo introduzido por imigrantes japoneses, carrega consigo fortes traços de sua tradição, comumente chamados e identificados como “filosofia”, termo relacionado aos aspectos da sabedoria, cultura e conduta oriental existentes nas artes marciais.

Segundo Chaui (1994), a filosofia deve ser entendida como análise, reflexão, crítica e busca do fundamento e do sentido da realidade em suas múltiplas formas e indagações. Em outras palavras, filosofia é um modo de pensar e exprimir os pensamentos que surgiu especificamente com os gregos no Ocidente e que, por razões históricas e políticas, tornou-se, depois, o modo de pensar e exprimir predominante da chamada cultura européia ocidental.

Ainda para Chaui (1994) em decorrência do predomínio da economia capitalista criada pelo ocidente e o fenômeno da globalização, ocorreu certo tipo de desenvolvimento das ciências e das técnicas, falamos, por exemplo, em “ocidentalização dos chineses” ou “ocidentalização dos japoneses”. Com isso queremos significar que modos de pensar e agir, criados no Ocidente pela filosofia grega, foram incorporados até mesmo por culturas e sociedades muito diferentes daquela onde nasceu a filosofia.

Assim, para Chaui (1994), a filosofia tem dívidas com a sabedoria dos orientais, em particular pelas viagens que colocaram os gregos em contato com os conhecimentos produzidos por aqueles.

Porém, de acordo com a mesma autora, *filosofia* difere da *sabedoria de vida* ou *modo de viver*, pois a segunda seria uma contemplação do mundo e dos homens para nos conduzir a uma vida justa, sábia e feliz, ensinando-nos o domínio sobre nós mesmos, é nesse sentido que se fala em “filosofia” do budismo, enquanto que a primeira deve ser entendida como análise, reflexão, crítica e busca do fundamento e do sentido da realidade em suas múltiplas formas e indagações.

Deste modo neste estudo, adotou-se, inicialmente, a distinção entre *filosofia* (desenvolvida no ocidente) e *sabedoria de vida* ou *modo de viver* (desenvolvida no oriente).

O objetivo deste artigo é o de estabelecer uma perspectiva de compreensão do fenômeno Karatê a partir daqueles que o vivenciam, os “Senseis” (como são chamados os Mestres de Karatê-Do Shotokan Tradicional).

Breve Histórico do Karatê

O Karatê tem suas raízes mais remotas ligadas a artes marciais originárias na Índia, as quais posteriormente chegaram a China, onde se desenvolveram duas lutas “Chuan-Fa” e “Nan-Pei-Chun”, sendo que estas prosseguiram para a Ilha de Okinawa, no Japão, e foram mescladas às lutas nativas, formando duas grandes escolas, “Shuri-Te” e “Naha-Te”, sendo que as mesmas se desenvolveram e posteriormente

deram origem a vários estilos (escolas) de Karatê que conhecemos atualmente².

Em 1922, o Karatê foi introduzido em Tóquio, através de Gichin Funakoshi, que após anos de intercâmbio com mestres e praticantes de outras artes marciais, como Aikido, Judô e Kendô, influenciando-o a incorporar também ao Karatê ortodoxo (constituído basicamente na prática de Katas) os princípios do *Budô* (já característicos daquelas artes marciais), considerado a essência, a estrutura e o alicerce da arte marcial³.

Intervenções do Mestre Funakoshi evidenciaram a forte conotação educacional encontrada na prática do Karatê, procurando formar e aperfeiçoar o caráter, a personalidade, tendo como objetivo a vida em sociedade.

Existem atualmente diversas escolas de Karatê, como por exemplo: “Wadoryu”, “Shitoryu” e “Gojuryu”. No entanto, nossos estudos foram atribuídos apenas à escola difundida por Gichin Funakoshi, ao qual foi atribuído o nome de “Shotokan” pelos seus alunos. “Shoto” era o pseudônimo que mestre Funakoshi utilizava para assinar seus poemas; “SHO” significa *pinheiro* e “TO” *ondas* ou o *som que as árvores fazem quando o vento bate nelas*. Quando mestre Funakoshi recolhia-se para escrever seus poemas e pensamentos ele costumava buscar inspiração ouvindo o barulho dos pinheiros ondulado ao vento⁴.

No Brasil, o estilo Shotokan teve como principais precursores⁵:

- Mitsusuke Harada - tendo chegado em São Paulo, no ano de 1955, portando o 5º Dan outorgado diretamente por Funakoshi, que fundou neste país a “Brasil Shotokan Karatê Dojo” em São Paulo. Em 1963, porém, dirige-se a França, também com o propósito de ensinar Karatê.
- Juichi Sagara – tendo chegado ao Brasil no ano de 1957, inicia, na Vila Prudente, em São Paulo, o ensino da prática do Karatê, juntamente com Yasutaka Tanaka (Rio de Janeiro), Sadamu Uriu (Rio de Janeiro), e Tetsuma Higashino (Distrito Federal), todos colegas da Universidade Takushoku (Takudai), a qual cursaram no Japão.

² FEDERAÇÃO PAULISTA DE KARATÊ-DO TRADICIONAL. Disponível em: <<http://www.fpktradicional.com.br>>. Acesso em 25 abr. 2004.

³ id. *ibid*.

⁴ BATISTA, Robinson A. Karatê Shotokan. Disponível em: <<http://www.kamae.com.br/columistas.html>>. Acesso em 26 abr. 2004.

⁵ Segundo, CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE KARATÊ. Disponível em: <http://www.karatedobrasil.org.br/historia_precursores_bra.asp>. Acesso em 2 jul. 2007.

SHOTOKAI ENCYCLOPEDIA. Disponível em: <<http://www.shotokai.com/ingles/bios/harada.html>>. Acesso em 26 jul. 2007.

Motriz, Rio Claro, v.13, n.1, p.33-42, jan./mar. 2007

- Eisuke Oishi – tendo chegado ao Brasil no ano de 1961, mesmo não sendo faixa preta em Karatê, inicia na Bahia o ensino desta arte marcial.

Com relação às organizações oficiais relacionadas ao estilo Shotokan, ocorreram diversas ramificações, culminando no surgimento de múltiplos órgãos oficiais regendo o mesmo estilo, provocando e produzindo interpretações e atuações variadas com relação ao mesmo tema.

Contudo, esta pesquisa abordou somente os Mestres filiados à Confederação Brasileira de Karatê-Do Tradicional (CBKT).

Trajectoria Metodológica

Fazendo uso das palavras de Pais (2001) esclarece-se que a seleção dos Mestres de Karatê-Do Tradicional (Senseis de no mínimo 3º Dan - grau) se fez a partir da importância que estes têm no que se refere ao fenômeno karatê, e que na pesquisa qualitativa os critérios de seleção dos sujeitos são de compreensão, de pertinência e não de representatividade estatística. Sendo assim a “amostra” (10 Senseis) não têm a pretensão de generalização dos resultados, mas um aprofundamento no conhecimento desta realidade, “cuja singularidade é, por si, significativa” (p.110).

Foram entrevistados, após consentimento, 10 Senseis do Karatê-Do Tradicional e da *The Japan Karate Association* (JKA), conforme listagem a seguir, disposta em ordem alfabética, também identificados por algarismos romanos para facilitar visualização dos seus discursos na matriz nomotética:

I - Sensei Celso Akira Oisi – 3º Dan – Araraquara (SP): Professor na Associação Arei-Kan de Karatê Shotokan;

II - Sensei Johannes Carl Freiberg Neto – 4º Dan – São Paulo (SP): Professor no Instituto Hachiman, traduziu e realizou revisões técnicas de livros relacionados ao karatê;

III - Sensei Hiroyasu Inoki - 8º Dan – Rio de Janeiro (RJ): Presidente da Comissão Técnica da CBKT;

IV - Sensei Kazuo Kawano Nagamine - 4º Dan – São José do Rio Preto (SP): Membro da Comissão Científica da ITKF (International Traditional Karate Federation) e CBKT, Medical Judge da ITKF, Técnico da Seleção Brasileira JKA, Assessor Técnico Científico da FPKT;

V - Sensei Luiz Tsuke Watannabe - 6º Dan – Vitória (ES): membro da Comissão Técnica da CBKT, Técnico da Seleção Brasileira de Karatê-Do Tradicional;

VI - Sensei Roberto Alves Batista Júnior - 3º Dan – Bauru (SP): Técnico da Seleção Paulista e Presidente dos Centros de Treinamento de Karatê-Do Tradicional de São Paulo –

CTKTsp. Observa-se que a mesma está prevista para fins de abril.

VII - Sensei Robinson Alves Batista – 3º Dan – Bauru (SP): Colunista na “homepage” dos Centros de Treinamento de Karatê-Do Tradicional de São Paulo (CTKTsp);

VIII - Shihan Yasutaka Tanaka - 9º Dan – Rio de Janeiro (RJ): Presidente de Honra da CBKT;

IX - Sensei Yasuyuki Sasaki - 8º Dan – São Paulo (SP): membro da Comissão Técnica da CBKT, presidente da FPKT e Presidente da “Japan Karatê Association” (JKA) no Brasil;

X - Sensei Yoshizo Machida - 7º Dan – Pará (PA): membro da Comissão Técnica da CBKT e Presidente da Federação de Karatê-Do do Estado do Pará – FKTEP.

A preferência por discursos destes sujeitos se deu em decorrência de que são Mestres (Senseis), de faixa preta e alto grau técnico (no mínimo 3º Dan), bem como exercem funções representativas de liderança em órgão oficiais ligados ao Karatê-Do Tradicional.

A metodologia adotada foi a fenomenológica, modalidade fenômeno situado (MARTINS; BICUDO, 1989; MERLEAU-PONTY, 1996), sendo que na coleta dos discursos dos Senseis lhes foi proposto uma única interrogação: *O que é isto o karatê para o Sensei?* Deixando que eles falassem livremente e sem interrupções, gravando suas descrições em fitas cassete magnéticas, para posterior transcrição integral.

Segundo Husserl (1988), a expressão *isto* faz uma alusão direta a um objeto determinado, intuído no tempo presente, assim, o interrogado percebe o objeto que está sendo indicado e, na percepção, fundamenta o *visar-isto*, determinando a sua significação.

De acordo com Gonçalves Junior (2003) quando o fenômeno a estudar possui o dom da intencionalidade, convém falar em compreensão (deixar que se mostre do interior), ao invés de explicação (análise do exterior), já que o humano não é mero objeto, mas sujeito, e, enquanto tal expressa uma intenção e uma subjetividade, o que precisamente nos torna humanos em essência.

Nesta perspectiva, trata-se o compreender, de um encontro de duas intencionalidades, a do sujeito que procura conhecer, e a do sujeito que se doa ao conhecer, o que não ocorre espontaneamente, mas a partir da interrogação do fenômeno pelo pesquisador à consciência do sujeito que vivencia a experiência de interesse científico daquele estabelecendo-se assim processo de intersubjetividade (GONÇALVES JUNIOR, 2003).

Todos os discursos (descrições dos sujeitos) coletados foram transcritos rigorosamente na íntegra⁶ para realização da análise fenomenológica. Observa-se que as transcrições, por vezes, possuem erros do ponto de vista da língua portuguesa culta (alguns Senseis são de origem japonesa), pois foi mantida a fala original dos depoentes, conforme suas pronúncias, ou seja, manteve-se o discurso ingênuo, entendido como dado original primário ou verbatim (GONÇALVES JUNIOR, 2003).

Após a transcrição integral dos discursos ocorreram as seguintes fases, conforme descritas por Gonçalves Junior (2003): *Redução Fenomenológica* (após realizar várias vezes a leitura das descrições realizamos levantamento das asserções que são significativas – “unidades de significado” – em cada depoimento em relação à interrogação empreendida buscando a essência do fenômeno interrogado); *Interpretação Fenomenológica* (organização das convergências, divergências e idiosincrasias surgidas nos discursos reduzidos dos sujeitos em categorias estruturais – observamos que na fenomenologia tais categorias são estabelecidas após a análise dos discursos e não *a priori* como na metodologia positivista ao estabelecer hipóteses a serem comprovadas e/ou refutadas), e *Análise Nomotética* (busca de uma normalidade dos discursos coletados refletindo sobre a estrutura geral do fenômeno, originando a “matriz nomotética”). A matriz possibilitou a realização da *Construção dos Resultados*, última fase desta pesquisa, que prima pelo *des-velar* de uma perspectiva de compreensão do fenômeno Karatê a partir daqueles que o vivenciam, os “Senseis”.

Matriz Nomotética

A matriz nomotética é um movimento do individual para o geral, no qual se envolve uma compreensão das proposições individuais como exemplo de algo mais geral, ou seja, uma generalidade das proposições individuais nas quais se baseia.

A matriz nomotética se compõe de uma coluna à esquerda onde se expõe às categorias provenientes dos discursos dos sujeitos interrogados. As categorias são classificações organizadas pelo pesquisador com base nas asserções encontradas nos discursos dos Senseis.

Para a confecção da matriz, foi necessária também a disposição da identificação dos discursos dos sujeitos, realizada através da numeração das descrições com algarismos

⁶ Em decorrência do limite de páginas destinado a artigos em periódicos apresentaremos neste apenas alguns trechos selecionados de algumas unidades de significados identificadas nas descrições dos “Senseis”, as quais deram origem às categorias apresentadas posteriormente na *Construção dos Resultados*.

Motriz, Rio Claro, v.13, n.1, p.33-42, jan./mar. 2007

romanos, dispostos na parte superior da matriz em uma seqüência horizontal.

Abaixo da seqüência dos discursos identificados e do lado direito das categorias, estabeleceram-se as caselas, onde se

dispuseram os números arábicos da unidade de redução fenomenológica correspondente àquela categoria e discurso, não se perdendo assim, a origem da referida unidade.

Tabela 1: Matriz Nomotética

DISCURSOS CATEGORIAS	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X
A) Karatê-Do como própria vida	1; 3; 6	1	1;3	1;3	1	1;3	1; 4; 6; 8; 9	1	2; 7; 9; 11	3; 5
B) Educando e se educando com o Budô através do Karatê	2; 5; 7				2; 3	2; 4	3; 5; 7; 10	3	1; 3; 6; 8; 10	2; 4
C) De luta a caminho	4		2	2			2	2	4; 5	1

Construção dos Resultados

Última fase da pesquisa, na qual buscamos uma compreensão do fenômeno, baseando-nos diretamente nos dados da matriz nomotética, a qual poderia ter revelado idiosincrasias (individualidade de proposições por parte de um dos sujeitos) e/ou proposições convergentes e/ou divergentes. Porém, neste estudo, encontramos apenas proposições convergentes.

Na construção dos resultados, os Senseis foram identificados pela forma como são tratados pelos seus alunos, ou seja, ora pelo primeiro nome, ora pelo sobrenome. Alertamos que as letras romanas representam a numeração dos discursos dispostos por ordem alfabética de nomes e os algarismos em arábico às unidades de significado identificadas nos discursos.

Esclarecemos que, pela vivência⁷ na temática da pesquisa e contato com os Mestres foi, em certa medida, facilitado o acesso a estes, tanto para a realização de entrevistas formais, como para conversas informais esclarecedoras que se fizeram necessárias posteriormente às transcrições dos discursos e as leituras de aprofundamento acerca da sabedoria oriental (Zen, Taoísmo e Budismo) com vistas a melhor compreender as falas dos Senseis sobre o fenômeno Karatê, favorecendo a

análise fenomenológica e primando pela adequada contextualização desta *sabedoria de vida* ou *modo de viver*.

A) Karatê-Do como Própria Vida

Como podemos observar na Matriz Nomotética, todos os Senseis fizeram asserções referentes a esta categoria. Destacamos a seguir algumas falas de quatro Senseis.

Sensei Celso (I – 1, 3 e 6), por exemplo, comenta que o Karatê “é mais do que uma atividade física, é mais que um exercício, uma ginástica, é mais do que formação do corpo, mas acima de tudo é formação do caráter... e como já dizia o mestre, é um caminho para a vida, é um caminho para... o hoje, é um caminho para o amanhã. [...] Essa batalha, essa luta... é diária... e é interior... se faz mais fora do ‘dojo’⁸ do que dentro dele... é o nosso cotidiano, é o nosso dia-a-dia [...] a dignidade... a honra... o trabalho... o pacifismo... em prol de todos os semelhantes, principalmente aqueles que fazem mais fracos... mais necessitados. Eu abracei e abraço esse caminho que eu espero que seja enquanto durar a minha vida nesse plano aqui. E eu tenho certeza, e com muito orgulho, eu digo que muitos dos que praticam comigo seguirão também. Esse é o meu trabalho, é o meu grande prêmio.”

Sensei Sasaki (IX – 2, 7, 9 e 11) diz que conforme foi treinando Karatê, “começou a descobrir [...] muita riqueza, experiência real da vida [...]”. Sendo que, para ele, o karatê, “é uma riqueza pouco explorada, porque toda riqueza não se encontra com facilidade, todo o tesouro tem busca atrás... uma aventura... e, mas com meta de querer descobrir o tesouro [...]. Alguns tesouros já achei, aqui! (batendo a mão esquerda contra o peito). Então é um

⁷ Desde novembro 1994 Victor Lage é filiado à Federação Paulista de Karatê-Do Tradicional (FPKT) como aluno; desde 1999 como integrante da Seleção Paulista de Karatê-Do participando em seus eventos oficiais como: “Cursos para Formação de Professores”, “Atualizações Técnicas”, “Campeonatos Paulistas e Brasileiros”; também tendo participado em eventos regionais, intermunicipais e jogos abertos do interior. Motriz, Rio Claro, v.13, n.1, p.33-42, jan./mar. 2007

⁸ Do significa “caminho” e jo “local”, tratando-se do local para se aperfeiçoar os vários “caminhos”. KISHIKAWA (2004). Na atualidade, porém, é comum o uso da expressão para designar simplesmente o local onde ocorrem os treinamentos.

tesouro, não de 'ter' é tesouro para 'ser'. [...] Isso me tem contribuído em todos os sentidos, família... paz.. Fui atrás desse tesouro, consequência, família tranqüila, ilustre, ah... bons amigos [...]. Enfim, consegui criar um ambiente agradável e o retorno é cheio de tesouros [...]. Riqueza espiritual em abundância."

Sensei Roberto (VI – 3) afirma que no Karatê “*existe um caminho muito [...] além do esporte*”, similar ao Sensei Robinson (VII-9) ao dizer que não coloca o karatê “*como um mero esporte de recreação... como [...] um lazer [...]. Tanto que eu não gosto de colocar a palavra atleta pra karateca [...]. Quer dizer se a pessoa é karateca ela não é atleta, ela é karateca, é lutador, é guerreiro [...], são outras dimensões, são visões diferentes [...]*”.

No entanto, observa Marta (2004), que no Brasil, as artes marciais passaram por processo de massificação dos meios de comunicação de massa, sobretudo via cinema e televisão, e também por um processo de esportivização.

Podemos dizer, com base em Suzuki (2003), que o Zen (e entendemos o mesmo para o Karatê) se acha realmente nas coisas concretas da nossa vida diária, quando perguntaram, por exemplo, a Joshu (Chad-chou), o que era o Tao (ou a verdade do Zen) ele respondeu: “A vossa vida cotidiana é o Tao” (SUZUKI, 2003, p. 98).

Partindo deste pressuposto, nos deparamos com a dificuldade de se escrever sobre o karatê, pois este, assim como o Zen, não pode ser *explicado* através das palavras. Ambos possuem raiz de pensamento/sabedoria oriental, ao contrário da filosofia ocidental, vinculada a uma visão dicotômica (o corpo e a mente separados no Ser e ainda este do mundo), principalmente a partir do filósofo francês René Descartes⁹ (1596-1650). No entanto, o Zen, o Budismo e o Karatê, modos de sabedoria anteriores (inclusive a filosofia grega), foram colocados em segundo plano, particularmente por força da dominação instrumental-técnica do ocidente, desenvolvida principalmente com o impulso da Revolução Industrial (ocorrida a partir da segunda metade do século XVIII) e do Capitalismo.

Segundo Suzuki (2003, p. 33):

a coisa mais ilógica que existe é tentar descrever o Zen, pois toda a descrição subentende um processo através do qual a coisa descrita é apresentada. Quando utilizamos o meio verbal, os instrumentos que temos ao nosso alcance são as palavras grupadas de acordo com certas leis. Entretanto, nunca poderemos alcançar o espírito do Zen através de meras palavras.

⁹ Para melhor compreensão de suas proposições consultar:

DESCARTES, René. *Discurso do método*. In: **René Descartes** (Os pensadores). 4^{ed}. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

⁹ SILVA, Franklin L. **Descartes**, a metafísica da modernidade. 2^{ed}. São Paulo: Moderna, 1993.

Para Suzuki (2003, p. 67) “o Zen se afasta muito mais de nós quando tentamos explicá-lo com papel e tinta, prendendo-o numa armadilha verbal e lógica”. O Zen está além do dualismo lógico-ilógico, acima da barreira verbal que tem sua validade puramente intelectual.

Conforme caracteriza Allan Watts (citado por SUZUKI, 2003, p. 34), “O Zen nunca explica, somente dá sugestões... Tentar explicá-lo é como tentar captar o vento numa caixa. No momento em que se fecha a tampa ele deixa de ser vento e se transforma em ar estagnado”.

Essas similaridades atribuídas entre o Zen e o karatê não são feitas por acaso, pois o karatê, assim como muitas artes marciais originadas no Extremo Oriente como o judô, o aikidô, o kendô, dentre outras, ao remeterem-se ao *Budô*¹⁰, são entendidas desta mesma forma, e em suas origens históricas, por estarem associadas a um povo e a uma arte. Assim, poderíamos dizer que o Zen e o Tao “influenciaram” o que hoje chamamos de *Budô*, porém, segundo Sasaki (1996) este possui características e objetivos próprios distintos do Zen.

B) Educando e se Educando com o Budô através do Karatê

Foram encontradas sete asserções (Discursos I, V, VI, VII, VIII, IX e X) nesta categoria, e apresentaremos a seguir, as falas de alguns Senseis.

Sensei Watannabe (V – 2 e 3) nos conta que quando iniciou a prática do Karatê seu pai, seu irmão, seu professor “*mostravam o [...] que era arte marcial, o que que era 'budô', o que que era 'giri'*”, sinceridade e a arte. Dentro de isso, eu fui seguindo, foi criado [...] e eu é amadurecendo [...] e... depois de tanto tempo eu to descobrindo que campeonato é um parte só, tem [...] nove coisa mais importante, quê que era? [...] Cinco lema que deixo nossa Mestre Nakayama. O Sensei, dizia:

*'sempre - esforçar-se sua formação de caráter;
sempre - seguir verdadeiro caminho de razão;
sempre – criar intuito de esforço;
sempre - respeitar acima de tudo;
sempre - conter espírito de agressão destrutiva'.*

¹⁰ *Budô é entendido como “essência/espírito” das artes marciais orientais. Ressaltamos que arte marcial é a tradução mais aproximada e usual para o ocidente, e decorre de “Marte”, deus da guerra para os gregos. No entanto, a expressão ocidental arte marcial vincula-se geralmente a técnicas de defesa pessoal, relacionadas ou não a preparação militar, e, portanto, não contempla a amplitude do sentido vinculado ao Budô no presente estudo, que envolve uma sabedoria de vida ou modo de viver.*

¹¹ *Giri pode ser entendido como “o sentimento de gratidão”. SOCIEDADE BRASILEIRA DE BUGEI. Disponível em: <<http://www.bugei.com.br/ensaios/index.asp?show=ensaio&id=124>>. Acesso em 29 ago. 2005.*

Dentro desse lema eu [...] tô tentando transmitir para pessoa o caráter”.

Sensei Robinson (VII - 5) afirma que “quando você começa estuda realmente o karatê e começa a entender o que é o karatê, não apenas a parte física [...]. A parte atlética dele e tal... mas ele como um todo”.

Sensei Celso (I – 2, 5 e 7) relata que para ele o Karatê “É formar seres, pessoas que estejam preparadas para agir, para atuar, para viver em grupo de forma homogênea, de forma pacífica, de forma a não ofender a nem um outro ser... ser vivo, seja ele pessoa, planta ou animal [...]. A luta de quem... tem por objetivo ou por missão... carregar... para si... como um instrutor de karatê... é se preparar e preparar todos aqueles que se fazem seus alunos, para que isso se dê, desde que foi criado o karatê, já se dá desta forma. Eu acredito que o difícil hoje, para a maioria dos professores, e quem sabe, tomara... uma minoria... apenas preocupada em títulos em competições, na valorização do ego, que venha a ter... essa visão mais dilatada do que representa realmente karatê [...] sempre tive ótimos professores, ótimos mestres, e eu só não faço melhor pela minha própria falta de capacidade, pela minha incompetência, mas eu sempre tive toda a oportunidade para ser um bom karateca, espero me esforçar melhor para isso”.

Nestes trechos dos discursos dos Senseis Watannabe, Robinson e Celso, vêem-se os diversos valores que estão colocados na sua prática educativa, tais como a não fragmentação corpo-mente-mundo, a persistência, a determinação, a humildade, a sinceridade e o respeito ao outro, valores que são apreendidos e ensinados no caminho trilhado pelo Sensei que educa e se educa, na busca de uma compreensão mais profunda, amadurecida, do Karatê.

Sensei Sasaki (IX – 8 e 10) reforça a idéia de aprendizado pessoal contínuo, persistente e não desligado da vida: “eu continuo me aprimorando nesse sentido [...] continuo buscando através de karatê esse tesouro escondido. E esse tesouro escondido, para achar tem que esforça [...] Como toda história romântica do ser humano, para achar tesouro tem que se esforça [...]. E esforçar correto é um caminho árduo [...]. Fazer de qualquer jeito qualquer um faz [...], mas esforçar correto! Eu tento esforçar correto”.

Neste sentido Gichin Funakoshi (2002, p. 113-114), considerado o difusor do Karatê contemporâneo, declara:

Você pode treinar por muito, muito tempo. Se porém apenas mexer as mãos e os pés e saltar para cima e para baixo como uma marionete [...] você nunca chegará à essência; você fracassará em captar a quintessência do Karatê-Do.

Em uma das conversas esclarecedoras com Sensei Kazuo, discutimos as diferentes vias e objetivos para se atingir a dimensão do Karatê como um “caminho”, para tanto, segundo ele, é essencial experienciar o *Budô* através do Karatê, e isto só é possível através da prática corporal constante, pois só através do corpo se dá a percepção desta manifestação de sabedoria oriental.

Logo, esta arte marcial oriental, nos termos da filosofia ocidental se aproxima antes da fenomenologia existencial (primado da percepção) do que do racionalismo cartesiano (primado da razão), pois:

o sistema da experiência não está desdobrado diante de mim como se eu fosse um Deus, ele é vivido por mim de um certo ponto de vista, não sou seu espectador, sou parte dele, e é minha inerência a um ponto de vista que torna possível ao mesmo tempo a finitude de minha percepção e sua abertura ao mundo total enquanto horizonte de toda percepção (MERLEAU-PONTY, 1996, p. 408).

E prossegue Merleau-Ponty (1996, p. 429):

A coisa nunca pode ser separada de alguém que a perceba, nunca pode ser efetivamente em si, porque suas articulações são as mesmas de nossa existência, e porque ela se põe na extremidade de um olhar ou ao termo de uma investigação sensorial que investe na humanidade.

C) De Luta a Caminho

Sete Senseis (Discursos I, III, IV, VII, VIII, IX e X) fazem asserção nesta categoria, das quais destacamos a seguir algumas falas convergentes de quatro Senseis.

Eles comentam que iniciaram a prática do Karatê, buscando aprender um meio de se proteger, como uma defesa pessoal. Sensei Tanaka (VIII - 2), por exemplo, comenta: “desde que comecei karatê [...] já era rapaz novo sabia que karatê é [...] uma luta [...] aquela época era luta muito violenta, mas eu [...] nunca gostava de correr. Então pra mi defende, alguma coisa tem que fazer... aí escolhi karatê”. Similarmente Sensei Inoki (III – 2) diz que “queria ficar forte, depois quando treinando [...] e recebendo orientação dos professores e comecei a entender que karatê não é nada de ‘contra outro’, pra mim é... ‘contra comigo mesmo’”.

Sensei Kazuo (IV - 2), destaca que iniciou o Karatê como “uma forma de treinar [...] de aprender alguma coisa relativa a defesa pessoal e, com o passar dos anos, foi se transformando numa descoberta, numa [...] possibilidade de auto-conhecimento”.

Sensei Sasaki (IX – 4 e 5) relata: “treinava [...] o karatê como um instrumento pra me fortalecer espírito e encarar esse mundo de incertezas [...] treinar mais pra [...] lapidar meu corpo, meu espírito e vai galgando, destacando e já começa a surgir

desafios de auto-afirmação [...] tudo queria me testar [...] se realmente karatê era eficiente, não era eficiente... e... era atleta e eu todo que era enfrentado para mim queria experimentar minha eficiência em relação ao karatê [...] Como antigamente povo samurai tinha desafios para testar sua própria habilidade [...]. E tive diversas lutas e diversas vitórias, derrotas, lágrimas. Enfim, eu treinei karatê como instrumento para me fortalecer fisicamente e sempre na cultura japonesa, arte marcial além de ficar forte te dá luz, iluminação, te dá clareza, é como o 'caminho de Do', seria tipo monge [...]. Mas é monge através de karatê [...] Ai comecei a mudar meu comportamento... no final, eu vou terminar como atleta? [...] Não! Eu vou seguir caminho de 'ser mestre' e não simplesmente atleta detonador... lutador, simplesmente... eu vou trilhar caminho de mestre."

Através da prática orientada e constante do Karatê, vemos que esses Senseis começaram a perceber a outra dimensão que este os levou. Embora tenham partido da idéia de um sistema de "defesa pessoal/luta" atingiram a idéia de "caminho". Em outras palavras, os trechos anteriormente transcritos retratam a característica do Karatê como manifestação de algo mais amplo, que é o *Budô*.

A partir disto, ao retornarmos a questão do termo "filosofia" anteriormente apresentada por Chaui (1994), torna-se necessário discutir-se o porquê da atribuição desta expressão ocidental ao fenômeno karatê.

Nessa discussão, ao correlacionarem-se palavras como "filosofia" ou "religião" ao Zen (e entendemos o mesmo para o Karatê) não se deve:

afirmar ser o Zen uma filosofia na acepção comum do termo. O Zen não é decididamente um sistema fundado na lógica e na análise. É algo antípoda da lógica e do modo dualístico de pensar [...]. O Zen nada tem a ensinar, no que diz respeito à análise intelectual, nem impõe qualquer conjunto de doutrinas aos seus seguidores [...]. Seus adeptos podem formular conjuntos de doutrinas, formulando-os porém por sua conta e para benefício próprio, e não do Zen. Portanto, não há, no Zen, livros sagrados ou assertivas dogmáticas, nem qualquer fórmula simbólica através da qual se obtenha um acesso a sua significação [...] desafia a confecção de conceitos. Esta é a razão por que é difícil captar o Zen (SUZUKI, 2003, p.58-59).

Em outras palavras, se formos atribuir ao karatê, assim como ao Zen, os termos "filosofia" ou mesmo traços de "religião", os quais são fundamentados na lógica, de origem ocidental, estaríamos cometendo um equívoco, pois os primeiros partem de princípios diferentes destes.

Outrora, afirma Suzuki (2003, p. 106) "a verdade e o poder do Zen consistem na sua simplicidade e caráter

prático". Em outras palavras, o karatê, assim como o Zen, se fundamenta "na experiência [...] e não através de abstrações", pois "a menos que brote de ti mesmo, nenhum conhecimento é realmente teu. É somente uma plumagem emprestada" (p.117) ou, dito de outra forma, "a verdade deve basear-se na experiência individual" (p.144).

Assim como no *Budô* "o Zen é enfaticamente uma experiência pessoal. [...] Não é a leitura, a contemplação e a instrução que fazem de uma pessoa um mestre Zen. A própria vida deve ser capturada na sua fluência. Para a vida para exame é matá-la, deixando somente um frio corpo para abraçar" (SUZUKI, 2003, p.157).

Sōhō (2000, p. 33), ao argumentar sobre a prática do Zen (e entendemos o mesmo acerca do Karatê-Do), diz:

pode-se explicar a água, mas nem por isso a boca ficará molhada. Podem se fazer longas dissertações sobre a natureza do fogo, mas a boca não se aquecerá. Sem tocar na água verdadeira e no fogo verdadeiro, ninguém pode conhecer essas coisas. Mesmo a explicação de um livro não o tornará compreensível. O alimento pode ser definido em poucas palavras, mas isso não basta para aliviar a fome.

Considerações Finais

Como pudemos observar, embora o Karatê tenha chegado ao Brasil no princípio do século XX (com a imigração japonesa) e tenha hoje mais um de milhão de praticantes ainda há certo distanciamento do profissional de Educação Física com esta arte marcial.

Todos os Senseis entrevistados destacaram ser o Karatê-Do como a própria vida, estando intrinsecamente ligado à existência deles, sendo, portanto entendida, muito além de uma atividade física ou de um esporte como fim em si mesmo. Reconhecem, entretanto, que para atingir tal compreensão há um longo caminho de dedicação.

Por outro lado, de acordo com Marta (2004), apesar de na atualidade muitas pessoas aderirem à prática de uma arte marcial pelo interesse na cultura oriental, outros interesses vinculam-se a tal arte, entre elas, a prática pela prática de uma atividade física, o convívio social, entre outras, o que pode, no ocidente em geral, e mais especificamente no Brasil, conforme sua apropriação e desenvolvimento até mesmo contrariar as suas raízes originais.

Neste sentido, percebemos que valores como dignidade, honra, trabalho, pacifismo, formação do caráter, persistência, humildade, são aprendidos na prática do Karatê que mantém as raízes da cultura oriental, ou seja, o Karatê como *sabedoria*

ou *modo de viver*, em que o “DO” (caminho) se dá nas experiências cotidianas, para além do *dojo*, ou seja, não fragmenta a vida em si mesma da atividade.

Além dos valores acima citados, também notamos nos discursos dos Senseis que suas práticas educativas são permeadas pela não fragmentação corpo-mente-mundo, enquanto educam, também se educam, na busca de uma compreensão mais profunda, amadurecida, do Karatê.

Enquanto manifestação do *Budô*, o Karatê parte do princípio de que a experiência individual, que obviamente só pode se dar no mundo com o outro, é fator importante e essencial na busca de sua compreensão, “a experiência individual é tudo no Zen. Não há idéias inteligíveis para aqueles que não tem alicerces na experiência” (SUZUKI, 2003, p.54).

Essa prática no Karatê se faz, não no sentido de “saber fazer” para “saber ensinar”, muito discutido pelos profissionais de Educação Física (especialmente no processo de regulamentação da profissão), mas sim como experiência calcada no dia-a-dia para se poder “sentir/perceber/apreender” o Karatê enquanto meio para se atingir o *Budô*, sendo isto possível apenas através da prática corporal constante, pois só através do corpo se dá a percepção desta manifestação de sabedoria oriental.

Portanto, o Karatê-Do, enquanto manifestação do *Budô*, como *sabedoria de vida* ou *modo de viver* embora possua características e similaridades a *filosofia*, apresentada por Chauí (1994), enquanto *análise, questionamento, indagação, reflexão sobre o conhecimento produzido e sobre o mundo*, não possui seu alicerce no pensamento lógico ocidental, ao contrário encontra-se centrado na sabedoria oriental, no qual se privilegia *a compreensão e contemplação do mundo através da experiência pessoal cotidiana*.

Referências

- BATISTA, R. A. **Karatê shotokan**. Disponível em: <http://www.kamae.com.br/colonistas.html> Acesso em: 26 abr. 2004.
- BRASIL. Congresso Nacional. Lei n. 9.696 de 1º de set. de 1998: dispõe sobre a regulamentação da profissão de educação física e cria os respectivos conselhos federal e regional de educação física. **Diário Oficial da União**, Brasília, n.168, 02 set. 1998. Disponível em: http://www.confef.org.br/extra/juris/mostra_lei.asp?ID={E1D25FEE-867B-4535-B493-D56597E716BE} Acesso em: 20 nov. 2006.
- CHAUI, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 1994.
- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE KARATÊ. Disponível em: http://www.karatedobrasil.org.br/historia_precursos_bra.asp Acesso em: 2 jul. 2007.
- DESCARTES, R. Discurso do método. In: **René Descartes: os pensadores**. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.
- DRIGO, A. J. **O judô: perspectiva com a regulamentação da profissão em educação física**. 2002. 94 f. Dissertação (Mestrado em Pedagogia da Motricidade Humana) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.
- FEDERAÇÃO PAULISTA DE KARATÊ. Disponível em: <http://www.midiamicom.br/karate/apresent.asp> Acesso em: 25 ago. 2005.
- FEDERAÇÃO PAULISTA DE KARATÊ-DO TRADICIONAL. Disponível em: <http://www.fpktradicional.com.br> Acesso em: 25 abr. 2004.
- FUNAKOSHI, G. **Karatê-Do: o meu modo de vida**. São Paulo: Cultrix, 2002.
- GONÇALVES JUNIOR, L. **Lazer e novas relações de trabalho em tempos de globalização: a perspectiva dos líderes das centrais sindicais do Brasil e de Portugal**. 2003. Tese (Pós-Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa, Lisboa.
- GONÇALVES JUNIOR, L.; DRIGO, A. J. A já regulamentada profissão de educação física e as artes marciais. **Motriz**, Rio Claro, v.7, n. 2, p. 131-132, 2001.
- HUSSERL, E. Investigações lógicas: sexta investigação: elementos de uma elucidação fenomenológica do conhecimento. In: **Edmund Husserl: os pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 1988. p. 34-54.
- KISHIKAWA, J. **Shinhagakure: pensamentos de um samurai moderno**. São Paulo: Conrad Livros, 2004.
- MARTA, F. E. F. **O caminho dos pés e das mãos: taekwondo, arte marcial, esporte e a colônia coreana em São Paulo (1970-2000)**. 2004. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- MARTINS, J.; BICUDO, M. A.V. **A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos**. São Paulo: Moraes/EDUC, 1989.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PAIS, J. M. **Ganchos, tachos e biscates**: jovens, trabalho e futuro. Porto: Ambar, 2001.

SASAKI, Y. **Karatê-Do**. São Paulo: CEPEUSP, 1996.

SASAKI, Y. **O Karatê-Do e as filosofias do budo**. São Paulo: Van Moorsel Andrade e Cia, 1996.

SHOTOKAI ENCYCLOPEDIA. Disponível em:
<http://www.shotokai.com/ingles/bios/harada.html> Acesso em:
26 jul. 2007.

SILVA, F. L. **Descartes**: a metafísica da modernidade. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1993.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE BUGEI. Disponível em:
<http://www.bugei.com.br/ensaios/index.asp?show=ensaio&id=124> Acesso em: 29 ago. 2005.

SŌHŌ, T. **A mente liberta**: escritos de um mestre zen a um mestre da espada. São Paulo: Cultrix, 2000.

SUZUKI, D. T. **Introdução ao zen-budismo**. São Paulo: Pensamento, 2003.

O presente estudo contou com apoio do PIBIC-UFSCar/CNPq (1 ano). Versão preliminar deste texto foi apresentada na “6ª Jornada Científica da UFSCar/XIII Congresso de Iniciação Científica da UFSCar” – 2005. Bem como na “XIV Jornada de Jovens Pesquisadores da Associação de Universidades Grupo Montevideo: Empreendedorismo, Inovação Tecnológica e Desenvolvimento Regional” - 2006.

Endereço:
Victor Lage
R. Bolívia, 46 - B. Nova Estância Suíça
São Carlos SP
13566-680
e-mail: victorlage@gmail.com

Recebido em: 9 de abril de 2007.

Aceito em: 6 de agosto de 2007.